

**NA METRÓPOLE DEUS É UMA NOTA DE CEM:  
RACIONAIS MC'S E GEORG SIMMEL COMO NARRATIVAS DA URBANIDADE  
MODERNA**

*Frederico Alves Lopes<sup>1</sup> & Larissa Dulce Moreira Antunes<sup>2</sup>*

*Universidade Federal de Minas Gerais*

*Departamento de Sociologia e Antropologia*

**Resumo:** Este artigo é uma análise da vida metropolitana a partir da aproximação de dois campos aparentemente distintos: a sociologia e a arte. Na sociologia Georg Simmel, um dos fundadores da disciplina, e na arte, Racionais MC's, grupo de rap brasileiro; ambos apresentam a metrópole como central. Objetiva-se apreender peculiaridades interpretativas acerca da urbanidade moderna, realizando um paralelo entre as teorias do autor alemão, com as letras dos *rappers*. Nota-se um alto contingente populacional sendo atraído pelas metrópoles, entretanto, a capacidade receptiva destas não abarca todos que a povoa. Deste modo, surgem as periferias, que desenvolvem interações singulares com a cidade, dessas interações aflora o movimento Hip Hop. Percebe-se nas músicas uma cidade conflituosa e desigual. Descrição corroborada por Simmel, que interpreta o conflito como incessante e contínuo. As narrativas demonstram que na metrópole a vida é intensa e dinâmica, devendo ser encarada, nas palavras de Mano Brown, como um “desafio”.

**Palavras Chave:** Simmel; Metrópole; Rap; Racionais Mc's; Urbanidade.

**Abstract:** This article is an analysis of city life from the combination of two seemingly disparate fields: sociology and art. In sociology, Georg Simmel, one of the founders of the discipline and art, Rational MC's, Brazilian rap group, both had the metropolis as central.

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Sociais. Integrante do Núcleo de Psicologia Política. fredalveslopes@hotmail.com  
Endereço: Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627 - FAFICH/UFMG – Sala 3086 / Pampulha – Belo Horizonte/MG – CEP 31270-000

<sup>2</sup> Graduanda em Ciências Sociais. Integrante do PET-Ciências Sociais. Contato: Larissa\_dma@hotmail.com /  
Endereço: Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627 - FAFICH/UFMG – Sala 4214 / Pampulha - Belo Horizonte/MG – CEP 31270-000

The objective is to learn about the peculiarities interpretive modern urbanity, making a parallel between the theories of German author, with the lyrics of rappers. Note: A high overall population being attracted to the metropolis, however, the receptive capacity of these does not cover all that inhabits it. Thus, there are the outskirts, which develop natural interactions with the city, these interactions arises the Hip Hop movement. It can be seen in a music city and unequal conflict. Description corroborated by Simmel, which interprets the conflict as a constant and continuous. The stories show that life in the metropolis is intense and dynamic and should be taken, in the words of Mano Brown as a "challenge".

**Keywords:** Simmel, Metropolis; Rap; Racionais Mc's, Urbanity.

## **Introdução**

O fenômeno “metrópole” é um tema recorrente em distintas áreas, da filosofia à geografia, da economia à arquitetura. Neste artigo procuramos aproximar dois campos singulares: a arte e a sociologia. O campo da arte representado pelo grupo de rap Racionais MC’s, grupo de rap brasileiro mais conhecido atualmente. Na sociologia, Georg Simmel, um clássico, considerado por muitos, um dos fundadores desta disciplina.<sup>3</sup>

A vida na metrópole é tema central na obra de ambos. Os Racionais retratam em suas músicas o cotidiano da maior metrópole brasileira, a cidade de São Paulo. Grupo criado no final da década de 80, os rappers gravaram vários discos que descrevem as relações e os problemas presentes nesta grande cidade. Por outro lado, Simmel discorre sobre os fenômenos modernos existentes nas agitadas capitais européias do final do século XIX e início do século XX.

Vivendo em Berlim na virada do século, Simmel presenciou um momento instigante e conturbado da capital alemã. Entre 1867 e 1913, Berlim cresce de 700 mil para 4 milhões de habitantes, transformando-se em uma das maiores metrópoles mundiais (FREITAS, 2007). Neste cenário, Simmel analisou fenômenos aparentemente díspares, tais como a moda, a prostituição, o dinheiro, o indivíduo, a liberdade, o estrangeiro, a religião, a cidade, o conflito, o coquete, entre outros, todos estes elementos presentes nas cidades.

Diversos observadores buscaram analisar as características desse fenômeno que é a cidade, como Louis Wirth, Max Weber, Zygmunt Bauman, Simmel, entre outros. Por razões metodológicas, utilizam-se as conceituações realizadas por Simmel, por conta da sua atualidade e também pela sensibilidade com que trata os assuntos referentes à cidade e ao modo de vida moderno.

Os Racionais, por sua vez, apresentam em suas músicas de rap os eventos diários da dinâmica cidade paulistana. Cidade desenvolvida a partir da migração, São Paulo tornou-se um cenário cosmopolita, onde indivíduos de distintos lugares foram atraídos por sua capacidade de crescimento. Nesta atmosfera os Racionais descrevem um dia-a-dia intenso, onde o conflito, o trabalho, a discriminação, a violência, a pressa, o dinheiro, a desigualdade, a emoção, a pobreza e a superação tornam-se centrais.

---

<sup>3</sup> Vale destacar que Simmel é mais que um sociólogo, suas considerações perpassam também a Filosofia, a Psicologia e a História.

A escolha do gênero musical rap e, conseqüentemente, dos Racionais se justifica da seguinte maneira: o rap é um estilo musical essencialmente urbano, pois se originou e desenvolveu-se nas metrópoles. Desta maneira, para analisarmos o modo de vida metropolitano nada melhor que empregarmos uma expressão artística que se manifesta nas diversas áreas urbanas das metrópoles mundiais. A escolha das músicas dos Racionais é feita com base no sucesso alcançado por este grupo no Brasil, sendo considerado o grupo de rap mais famoso atualmente.

Compreende-se, portanto, que a urbanidade moderna perpassa ambas as obras. Apresentamos neste artigo uma contextualização do movimento hip hop, assim como das obras dos Racionais e Simmel. Por fim, aproximamos e relacionamos a teoria simmeliana com a produção artística deste grupo de rap, interpretando-as como narrativas da moderna vida metropolitana.

### **Breve histórico do movimento hip hop**

O termo hip hop surge com contribuição significativa do DJ Afrika Bambaataa, que em 1968 utilizou-o para nomear os encontros dos dançarinos de break, DJs (disc-joqueis) e MC's (mestre-de-cerimônias) nas festas de rua do bairro do Bronx em Nova York. Afrika Bambaataa percebeu que a dança (o *soul* naquela época) poderia ser uma forma eficiente e pacífica de expressar os sentimentos de exclusão e de revolta, sendo também uma maneira de apaziguar as brigas de gangues nos guetos, amenizando deste modo, o clima de violência. O termo hip hop significa numa tradução literal, movimentar os quadris (to hip, em inglês) e saltar (to hop).

Como aponta Zeni (2004), o movimento hip hop historicamente está ligado às lutas e conquistas políticas dos negros. Surgido nos conturbados anos 60 nos Estados Unidos, o início do movimento coincide com um momento de contestação social, quando dois líderes negros americanos foram assassinados: Malcolm X, em 1964, e Martin Luther King, em 1968. Zeni (2004) assinala ainda que a repressão às lutas dos negros intensificou o movimento, fazendo com que as estratégias dos negros evoluíssem para formas mais agressivas de combate, como aquelas empreendidas pelos Panteras Negras.

O movimento hip hop atualmente é constituído por 4 elementos: o grafite, o *break*, o rap e o DJ. O grafite é um tipo de pintura tipicamente urbano, realizado normalmente

com *sprays*; surgiu na Jamaica nos anos 70, passando a integrar a cultura hip hop nos bairros negros de Nova York, sendo usado inicialmente para demarcar território entre as gangues. Nos dias de hoje o grafite é usado por muitos para expressar opiniões, indignações, desenhos, ou mesmo, como expressão para marcar o grafiteiro em diversos ambientes das cidades. Nos últimos anos o grafite passou a ser reproduzido também em galerias de arte, demonstrando um reconhecimento artístico recente ao grafiteiro.

O elemento *break* é uma dança de origem porto-riquenha. Foi inventada com o intuito de expressar a insatisfação com a política e a guerra do Vietnã. Sua performance objetivava representar os movimentos dos corpos dos soldados que voltavam mutilados da guerra, além de semelhar aos movimentos dos helicópteros. Atualmente a dança é realizada a partir de movimentos robóticos, quebrados e, sincronizados quando realizado em equipe. O *break* procura resgatar elementos de várias culturas, como a capoeira, o kung-fu, e os movimentos do *funk*.

O rap (abreviação de *rythym and poetry*, ritmo e poesia, em inglês) tem suas raízes na tradição poética africana dos *griots* (contadores de história). Estes últimos carregavam na memória a tradição de tribos africanas, transmitidas de geração em geração através de desafios em rima. Por volta dos anos 70 a tradição dos *griots* foi recuperada e colocada a serviço da luta política dos negros, que recitavam poemas sobre bases percussivas, fazendo surgir os MC's (mestre de cerimônia). Atualmente, o MC é aquele que canta sobre as bases eletrônicas criadas pelo DJ (disc-jóquei). O DJ é o quarto elemento do hip hop, é ele quem comanda a *pick-up* (toca-discos duplo) criando as batidas sonoras. Somando-se estes dois elementos (MC e DJ) cria-se o rap, a parte musical do hip hop.

Dentre os elementos constitutivos do movimento hip hop, o rap consolidou-se em vários lugares como o mais expressivo, pois é por meio da música que muitos jovens se expressam, propagando as suas indignações, revoltas, pensamentos e sonhos. Nos bairros periféricos, o rap foi adotado como estilo e gênero musical, mas também como a voz dos moradores para expressar a realidade local.

A partir dos Estados Unidos o rap se internacionaliza chegando ao Brasil no início da década de 1980, através de dois importantes movimentos de intercâmbio de pessoas e de bens culturais: as viagens internacionais e os meios de comunicação. Trazido na bagagem de brasileiros em viagens aos Estados Unidos e pela mídia, sobretudo a musical e

a televisiva, o movimento de cola no país associado inicialmente aos passos de dança robotizada, os do *break*, que com o auxílio da mídia torna-se uma febre nos “bailes *Black*”.

Nas metrópoles brasileiras, principalmente São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Brasília, os bailes *black* regidos pelo *soul* e o *funk* se popularizaram. Em São Paulo, o ex-produtor dos Racionais, Milton Salles, comumente organizava bailes desde a década de 70. Foi ele, Milton Salles, em grande medida, o responsável pela composição dos Racionais, grupo de rap mais famoso do Brasil, tornando possível o contato entre Mano Brown e KL Jay.

### **Racionais MC's na cena musical brasileira**

Na metade da década de 1980, os integrantes dos Racionais formavam duas duplas distintas. Ice Blue e Mano Brown eram amigos de infância e quando jovens decidiram criar uma dupla de rap, batizada de BBBoys (Brown e Blue Boys). No começo não contavam com um DJ fixo, adaptavam suas letras a qualquer batida que estivesse disponível no local que fossem cantar, apresentando-se normalmente na zona sul paulistana. Já KL Jay, outro integrante dos Racionais, iniciou sua trajetória no mundo do hip hop em meados de 1982, quando começou a dançar *break* na zona norte, tornando-se posteriormente DJ após a compra da primeira *pick-up* de som (SILVA, 1998).

A junção dos dois - KL Jay e Mano Brown – se deu quando Milton Salles, que acompanhava a movimentação dos *rappers* na Estação do metrô São Bento, em São Paulo, vendo as convergências de ambos teceu o contato entre os dois. Brown levou para o grupo seu parceiro e amigo de BBBoys, o Ice Blue, e posteriormente KL Jay trouxe Edi Rock, surgindo assim, os Racionais MC's (ALBIN, 2006).

Os Racionais foram responsáveis em grande parte pela divulgação do rap no cenário musical brasileiro. Escutado principalmente nas periferias das grandes cidades, o rap atualmente está estendido até a classe média branca, através de rádios comerciais, internet e até televisão. O rap iniciou-se no Brasil como música essencialmente marginalizada para tornar-se hoje um gênero relativamente consagrado que extrapola os limites dos subúrbios urbanos.

Contudo, o lócus de criação do rap ainda é por excelência a periferia. Mesmo que comercializado por outras camadas sociais em territórios mais nobres, a maioria dos grupos no Brasil utiliza o rap para denunciar a realidade vivida nos subúrbios. Ao escutar rap notamos que a cidade é segregada entre centro e periferia, bairros nobres e subúrbios, e neste sentido o discurso hegemônico do centro - expressado pelas elites - é contrastado pela tentativa contra-hegemônica dos guetos, através da música.

Seguindo a argumentação de Jeffrey Louis Decker que analisa o nacionalismo negro e o hip hop estadunidense (DECKER *apud* PINHO, 2011), podemos considerar os grupos de rap como um tipo emergente de intelectuais orgânicos, no sentido apontado por Gramsci: “todo aquele que cumpre uma função organizadora na sociedade civil.” (SECCO, 2002, p. 102). Os *rappers*, se não todos pelo menos os politicamente ativos, criticam a realidade social, constituindo-se em vozes da periferia, pois são membros orgânicos daquela comunidade.

“Podemos considerar [...] que os Racionais produzem um discurso crítico, articulado a partir da experiência de engajamento de seus membros no ambiente sociocultural que é representado em suas músicas. Nesse sentido, concordaremos com Decker e os consideraremos orgânica e intelectualmente vinculados à sua comunidade, o que lhes permite articular uma linguagem crítica que transita entre a experiência sociocultural imediata de sua comunidade e o panorama global de potencialização de mensagens multimedíadas, ainda que particulares” (PINHO, 2001, p. 81)

### **Simmel, a escrita e os objetos de estudos modernos**

Portador de um estilo peculiar, Georg Simmel tornou-se conhecido pelo seu estilo de redigir por meio de ensaios. O autor não seguia o padrão convencional da ciência social, empregado por Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber, por exemplo, mas deixava-se levar pelas idéias e por assuntos que inicialmente eram denominados banais, mas quando sintetizados davam sentido à esfera complexa da metrópole. Desenvolveu alguns tratados, entre eles o mais famoso denominado “A filosofia do dinheiro” (1900), entretanto, seu modo de escrita característico foi o ensaio.

Vários de seus estudos se tornaram extremamente importantes para o entendimento da sociologia, especialmente a urbana. Muitos autores foram influenciados por suas ideias,

entre eles o próprio Weber, Louis Wirth, Georg Lukács, Karl Mannheim, Walter Benjamin, entre muitos outros (RIBEIRO, 2006).

Contudo nem sempre sua obra foi bem aceita no meio intelectual. De origem judia e vivendo em uma Alemanha anti-semita, Simmel teve dificuldades de se inserir no meio universitário. Apesar do seu sucesso como professor de cursos livres e palestras - que geralmente eram assistidos por muitas pessoas, especialmente jovens e mulheres -, Simmel não conseguiu o cargo de professor titular e a estabilidade que esta atividade proporcionava

Além do preconceito étnico e religioso, Simmel tinha dificuldades para se estabelecer como professor por conta da sua área - a sociologia -, pois esta disciplina ainda não lograva o status das ciências clássicas. Para se ter uma idéia, a primeira cátedra de sociologia na Alemanha demorou em ser criada, tardiamente no ano de 1918 (FRISBY, 1990). Para piorar, Simmel tinha desavenças com Wilhelm Dilthey, primeiro professor titular da faculdade de filosofia da universidade de Berlin. Dilthey um anti-socialista, afirmava que a sociologia cheirava a socialismo, e um dos nomes mais destacados desta nova disciplina era o de Simmel. (STECHEER, 1995).

Soma-se a estes todos obstáculos outros problemas que dificultaram a aceitação acadêmica da obra simmeliana: a forma de escrita e os objetos de estudo. Geralmente o tratado é a forma de escrita aceita cientificamente, pois é considerado mais objetivo, metódico, sistemático e lógico. Inversamente, o ensaio é caracterizado pelo subjetivo, sendo mais livre e pessoal.

Observamos que não é mera coincidência que Simmel utiliza o ensaio como forma de escrita predileta para analisar a complexa vida moderna. O próprio estilo ensaístico é uma forma de escrita moderna.

O ensaio ganha substância com o aparecimento dos jornais e periódicos, na Inglaterra, no século XVIII. Também na Alemanha essas publicações proliferam no século XVIII e é nelas que o ensaio ganha lugar. O aparecimento do jornal e do periódico está, por seu lado, inextricavelmente ligado ao surgimento das grandes cidades; Londres e Paris são os modelos. (WAIZBORT, 2000)

A metodologia de Simmel também é questionada, pois seu método não é dedutivo, mas sim indutivo e sensível para com os fenômenos da vida cotidiana. Surge, desse modo, a suspeita do "esteticismo", e o próprio Weber afirma isso, "quando ressalta a forma brilhante do estilo de Simmel, sua sensibilidade, inspiração e originalidade, todos termos

aplicáveis a um artista, mas muito problemáticos, no seu tempo, para um cientista” (NEDELMANN *apud* STECHER, 1995).

Porém, a aproximação entre ciência e arte em Simmel não é por acaso, a arte é um modelo de conhecimento que Simmel procura, é a sua alegação filosófica. Para Simmel é a arte que realiza a ampliação do singular até o universal, reivindicando a arte como um dos cerne de seu modo de conhecimento filosófico. Não é coincidência que usaremos as conceituações simmelianas para analisar a obra artística produzida pelos Racionais, aproximando-os e extraindo uma relação da arte com a sociologia, assim como defendido no projeto filosófico de Simmel.

Simmel foi um defensor de uma espécie de microsociologia, denominada por ele de “pequena sociologia”, isto é, uma ciência social que analisasse as formas menores de relação e de modos de interação entre os homens. Uma imensidão dessas relações se faz presente na vida cotidiana, entretanto, são comumente tratadas como anódinos.

[...] Que os homens se olhem uns aos outros, e que ele sejam invejosos entre si; que eles troquem cartas ou alcocem juntos; que eles [...] se achem simpáticos ou antipáticos; que a gratidão e uma obra altruísta ensejem um efeito ligador contínuo e ilacerável; [...] que eles se vistam e se enfeitem uns para os outros; [...] Aqui repousam as interações, só acessíveis à microscopia psicológica, entre os átomos da sociedade, que sustentam a tenacidade e a elasticidade, a variedade, e a unidade desta vida tão nítida e tão enigmática da sociedade. (SIMMEL *apud* WAIZBORT, 2000).

A arte, a expressão musical, e por sua vez, os raps dos Racionais são objetos de estudos que se inserem num campo ainda pouco valorizado na ciência sociológica. “Sim, a estes modos de relação aparentemente insignificantes deve-se dedicar metodicamente tanto mais uma consideração pormenorizada, quanto mais a sociologia trata de relevá-las.” (SIMMEL *apud* WAIZBORT, 2000). Ao dirigirmos para o microcosmo (expressão utilizada por Simmel) temos a oportunidade de descobrir novas possibilidades de acesso ao macrocosmo.

“[...]quando Simmel se dedica a fenômenos particulares da vida cotidiana, ele consegue, ao mesmo tempo, retratar a complexidade da vida e situar os fenômenos particulares dentro de um pensamento processual que evita as predeterminações. A partir do conceito da ação recíproca é possível captar os mais variados elementos da realidade, determinando assim os elementos moleculares e as suas formas relacionais. Com isso, ele vai além da análise das grandes formas como estado, família, igrejas, castas e classes, dando, ao mesmo tempo, vida a estas formas estruturais que constituem a sociedade unicamente na medida em que ficam intercalados com as formas relacionais primárias.” (STECHER, 1995, p. 189)

## **A economia monetária em Simmel e Racionais**

A teoria simmeliana é marcada pelos fenômenos de seu tempo. Vivendo em uma metrópole, Simmel se debruçou em compreender os assuntos concretos decorrentes da modernidade. Escreveu uma vez um de seus alunos: “ele vive completamente no presente e cada uma de suas correntes [...] na arte [...] na estética e na política lhe é afim; ele vive junto à efervescência do presente e, através deste, o passado se torna para ele pleno de sentido.” (MANNHEIM *aput* WAIZBORT, 2000).

A produção artística dos Racionais também é marcada pelos dilemas do presente. Problemas comuns da metrópole de São Paulo são expressos nas suas letras de rap. Mesmo que a diferença de quase cem anos separe os dois, ambos - Simmel e Racionais - exprimem a urbanidade moderna, de formas peculiares é claro, porém com ampla semelhança.

Estudando a modernidade, Simmel se deparou com a importância do dinheiro no cenário da cidade metropolitana. Diferentemente de Marx, que considerava o capitalismo como arcabouço das relações sociais na sociedade moderna, Simmel enxergava na economia e psicologia do dinheiro as determinações das mesmas. Durkheim distinguiu a solidariedade mecânica da orgânica. Weber contrapôs as sociedades tradicionais das que se baseiam no racionalismo ocidental moderno. Tönnies diferenciou os conceitos de comunidade e sociedade. Simmel, por sua vez, separou o velho do novo a partir do dinheiro.

Para ele a economia monetária pode ser considerada como um dos princípios que disseminam a modernidade na sociedade. Sedes da economia monetária, metrópoles como Berlim, Londres e Paris, entre outras citadas por Simmel, caracterizam-se nos séculos XIX e XX pela aceleração geral do tempo, dadas a intensificação do comércio e a multiplicação dos contatos entre as pessoas. (VANDENBERGHE *aput* FREITAS, 2007).

O dinheiro tem papel de destaque também nas músicas dos Racionais. Podemos observar que em várias músicas eles discorrem sobre o papel do dinheiro nas relações entre os paulistanos. O dinheiro para os *rappers* é responsável por motivações, felicidade e angústia, como se percebe na música a seguir:

*Firmeza Total, mais um ano se passando aí  
Graças a Deus agente tá com saúde aí, morou  
Muita coletividade na quebrada  
Dinheiro no bolso, sem miséria e é nós*

*Vamos brindar o dia de hoje, que o amanhã só pertence a Deus e a vida é loka.  
Deixa eu falar pro cê  
Tudo, tudo, tudo vai, tudo é fase, irmão  
Logo nós vai arrebentar no mundão  
De cordão de elite, dezoito quilate  
Põe no pulso, logo bright, que tal, tá bom?  
De lupa, mochilon, bombeta branca e vinho  
Champanhe para o ar, que é pra abrir nossos caminhos  
Pobre é o Diabo, eu odeio a ostentação  
Pode rir, ri, mais não desacredita não  
[...]  
Eu queria ter, pra testar e ver, um malote  
Com glória, fama, embrulhado em pacote  
Se é isso que vocês quer, vem pegar  
Jogar num rio de merda e ver vários pular  
Dinheiro é foda, na mão de favelado é maior guela,  
Na crise vários pedra noventa, esfarela  
Eu vou jogar pra ganhar o meu money vai e vem  
Porém quem tem, tem, não cresço os olhos em ninguém  
(Vida Loka Parte II)<sup>4</sup>*

Ou ainda, como na curiosa música “Um por amor, dois por dinheiro”, cantada com a participação de Vanessa Jackson:

*Um por amor, dois pelo dinheiro  
Vida Loka, Capão de fé, sou guerreiro  
[...]  
Dinheiro no bolso e Deus no coração  
Família unida, champanhe pros irmão  
[...]  
O ser trai por amor ao lucro  
Dinheiro agora sem dor nem escrúpulo  
Ei ouve o que a rima fala  
Entre a compra e a venda, o pecado se instala  
[...]  
Aqui ninguém quer fama e diz-que-diz  
Quatro mil dólar já me faz feliz  
Dinheiro City, capital da Gozolândia  
[...]  
Um por amor, dois pelo dinheiro  
Na selva é assim  
E você vale o que tem, vale o que tem*

---

<sup>4</sup> Todas as letras aqui transcritas respeitam a linguagem própria das músicas de rap. Interpelar a cidade através do grafite ou da pichação é análogo a interpelar a linguagem culta. O poder perpassa os muros e também a língua.

*Na mão*  
[...]

Nos dois trechos selecionados das letras evidencia-se o dinheiro como tema essencial na composição da música. Na primeira (V.L. Parte II) brinda-se a saúde e o dinheiro no bolso, além de cada um trabalhar pelo seu dinheiro, sem invejar ninguém. Na segunda música (Um por amor, dois por dinheiro) o título por si só demonstra a importância do dinheiro em dias atuais, onde a cidade é movimentada de tal forma pela economia monetária que o próprio nome da localidade é “*Dinheiro City*”. Este rap revela a importância do processo de monetarização, passando a atingir o espaço dos valores humanos: o que cada pessoa vale é a riqueza que cada um detém. Pessoas com pouco dinheiro têm pouco valor perante os outros, e inversamente, os que detêm muita riqueza valem mais que os demais.

Simmel corrobora com opinião semelhante do dinheiro na cidade, afirmando ser a metrópole o local do dinheiro por excelência, de maior circulação de dinheiro, bens e mercadorias na história da humanidade. Ela atrai multidões em busca de suas múltiplas possibilidades. Entretanto o dinheiro nivela todas as particularidades, passando a indagar somente aquilo que é comum a todos, o valor de troca. Deste modo, o dinheiro

nivela toda a qualidade e peculiaridade à questão do mero “quanto”. Todas as relações de ânimo entre as pessoas fundamentam-se nas suas individualidades, enquanto que as relações de entendimento contam os homens como números, como elementos em si indiferentes, que só possuem um interesse de acordo com suas capacidades consideráveis objetivamente. (SIMMEL, 1998, p. 28)

Continuando a música “*V.L. Parte II*”, Mano Brown vai cantar que o consumo gera momentos de alegria, ou seja, sugere que dinheiro pode ocasionar felicidade:

[...]  
*Firmeza*  
*Não é questão de luxo, não é questão de cor*  
*É questão que fartura alegre o sofredor*  
*Não é questão de preza, nego, a ideia é essa:*  
*Miséria traz tristeza, e vice-versa*  
*Inconscientemente, vem na minha mente*  
*Inteiro: na loja de tênis, o olhar do parceiro feliz*  
*De poder comprar, o azul, o vermelho,*  
*O balcão, o espelho, o estoque, a modelo*  
*Não importa: dinheiro é puta e abre as porta*  
*Dos castelo de areia que quiser*

*Preto e dinheiro são palavras rivais?  
É? Então mostra pra esses cu como é que faz  
(Vida Loka Parte II)*

O dinheiro é desejado, é um fim em si mesmo. O olhar se torna feliz quando o parceiro pode comprar o que quiser, o tênis que quiser, na cor que quiser, todo estoque, e até a modelo. Isto é, o sistema monetário tem a capacidade de transformar tudo em mercadoria, até as pessoas. A extensão do dinheiro se manifesta na dominação do quantitativo sobre o qualitativo. A modernidade se caracteriza por uma condição de cálculo intelectual que determina a construção das opções de vida dos cidadãos. Para Simmel, este cálculo tornou-se membro da vida cotidiana, levando as pessoas a passarem os dias inteiros a avaliar, a calcular e a reduzir os valores qualitativos em valores quantitativos. “Na economia monetária o prazer está em gastar, em usufruir do dinheiro como meio de obter o maior número de coisas. Com o dinheiro o que está em jogo é menos “o que” e mais “o quanto.” (LEAL, 2011)

“Consumo, logo existo”, essas palavras de Frei Beto demonstram que a existência moderna pode se caracterizar a partir do dinheiro. Sugerindo uma não-existência para aqueles que não podem consumir. Assim, a metrópole não conseguindo introduzir todas as pessoas no processo de consumo produz uma marginalização, onde indivíduos não terão acesso a diversos bens (habitação regulamentada, meio de transporte adequado, alimentação digna, etc.), produzindo um processo de invisibilidade dos pobres, e no caso de São Paulo, também racialmente dos negros. O rap “V.L. Parte II” indica que o indivíduo que não tiver dinheiro não terá felicidade, pois a miséria trás tristeza e vice-versa.

Entretanto, podemos atentar para o fato de que em Simmel o dinheiro não é avaliado moralmente, ou seja, não é qualificado. O dinheiro para Simmel é ambíguo, veneno e remédio, bom e mau, doença e cura ao mesmo tempo. Ele defende ao invés da avaliação moral uma análise das transformações que a economia monetária acarreta na existência moderna. Portanto, além dos aspectos negativos, o dinheiro confere importantes aspectos positivos ao indivíduo, entre eles uma maior autonomia e liberdade. O desenvolvimento de um sistema monetário rompe com os traços tradicionais que ligavam os indivíduos às coisas, autonomizando o sujeito e o objeto. A corporação medieval integrava o homem plenamente, isto é, este homem era privado de direitos, pois, a

corporação absorvia-o por inteiro, ele estava preso ao seu círculo social. Contrariamente, assinala Simmel, a economia do dinheiro possibilitou justamente a “destruição” dessa forma unificadora das antigas corporações, pois, a personalidade do indivíduo tornou-se autônoma, independente dos antigos círculos sociais. Um exemplo claro que o autor nos apresenta é a empresa com sociedade anônima de ações. A atividade desta empresa se torna totalmente objetiva e independente de um acionário singular, enquanto o indivíduo não pertencer à empresa como pessoa, mas somente seu dinheiro. Além do mais, no mercado de ações o indivíduo detém um grau de liberdade quase que ilimitado, podendo aplicar e retirar seu dinheiro de uma determinada empresa a qualquer momento. (SIMMEL, 1998).

A economia monetária, portanto é ambígua na análise simmeliana, ela acaba gerando aos indivíduos liberdade e dependência ao mesmo tempo. Liberdade porque impressa nas pessoas o poder de individualidade e anonimato. Dependência porque na modernidade a divisão do trabalho se intensifica, fazendo com que o trabalho de um indivíduo seja necessário para a existência do outro.

Só o trabalho de todos organiza a unidade da economia e nivela a complexidade dos homens e das trocas. Para o autor, os objetivos dos sujeitos da modernidade são menos alcançáveis por ações imediatas do que eram nos estágios primitivos. O dinheiro é sempre interposto entre os homens e seus desejos. É “chave mágica”, instância de mediação porque é o acesso que nivela aquilo que originalmente é diverso e heterogêneo.” (LEAL, 2011, p. 351)

A ambigüidade do dinheiro, portanto, se manifesta na medida em que Simmel caracteriza seu papel como sendo duplo: o dinheiro circula sem cessar, por um lado; sendo ao mesmo tempo um ponto fixo em torno do qual tudo circula, as coisas e os indivíduos, por outro. O caso do dinheiro somente realizar a sua função através do ato de ser repassado de uma pessoa para outra, o coloca como o símbolo mais autêntico do caráter absolutamente transitório do mundo moderno. Assim como o tempo, “tudo flui, inclusive o dinheiro, mas como circular é a sua própria essência, é como se tudo fluísse, mas o dinheiro permanecesse.” (WAIZBORT, 2000).

A caracterização do dinheiro como um elemento cíclico, em que tudo circula e o centro, em volta do qual, todos circulam, nos remete à idéia de deus, onipotente e onipresente. Não à toa, o próprio Simmel realizou esta analogia entre deus e o dinheiro.

Neste ponto, mais uma semelhança entre a teoria simmeliana e as músicas dos Racionais pode ser feita.

*Às vezes eu acho que todo preto como eu  
Só quer um terreno no mato só seu  
Sem luxo, descalço, nadar num riacho,  
Sem fome, pegando as fruta no cacho,  
Aí, truta, é o que eu acho,  
Quero também,  
Mas em São Paulo,  
Deus é uma nota de cem  
Vida loka.  
(Vida Loka Parte II)*

Observa-se que o dinheiro na metrópole paulistana atinge importância divina. Ele é, assim como deus, onipresente e central; um elemento no qual as pessoas buscam alcançar. A cidade de São Paulo, na música dos Racionais se movimenta a partir do dinheiro, é ele quem, neste caso representado pela nota de cem – a nota de maior valor no Brasil – representa o valor supremo. Da mesma forma que, para Simmel o dinheiro seria assim, o deus da época moderna. Uma vez que do mesmo modo que deus tem sua estimacão na absorvente reuniao de todas as heterogeneidades, o dinheiro ocuparia o mesmo papel, isto é, um centro no qual todas as coisas diversas, encontram o elemento comum e se relacionam.

Assim Simmel (1998, p. 36) justifica tal analogia: “O que há entre deus e o dinheiro é uma correspondência psicológica [...], pois os efeitos que ambos causam e as sensações que oferecem a seus devotos são iguais”.

[...] É o sentimento de calma e segurança que justamente a posse do dinheiro, em contraste com todas as outras posses, oferece, e que corresponde psicologicamente àquele sentimento que o devoto encontra em seu deus. Nos dois casos há a elevação sobre o singular que nós encontramos no objeto ansiado, a confiança na onipotência do mais alto princípio [...]. Exatamente como deus na forma da crença, o dinheiro é, na forma do concreto, a mais alta abstracção à qual a razão prática se elevou. (SIMMEL *apud* WAIZBORT, 2000)

Deus e o dinheiro, como forças abstratas, superam a multiplicidade de valores e objetos, são pontos de encontro de coisas e sentidos, e acabam que por produzir conforto, porque da detenção deles se obtêm paz e harmonia. Deste modo, o dinheiro para Simmel, trás segurança e tranqüilidade, assim como deus - “o senhor é o meu pastor e nada me

faltará”. Porém, na cidade moderna, ao contrário, faltará aquilo que o indivíduo não puder comprar.

### **Individualidade Moderna**

*Conheci o paraíso e eu conheço o inferno  
Vi Jesus de calça bege e o diabo vestido de terno  
No mundo moderno, as pessoas não se falam  
Ao contrário se calam, se pisam, se traem, se matam,  
Embaralham, as cartas da inveja e da traição  
Copa, ouros e uma espada na mão  
O que é bom é pra si e o que sobra é do outro  
Que nem o sol que aquece, mas também apodrece o esgoto  
[...]  
Morrer à toa, que mais? Matar à toa, que mais?  
Ir preso à toa, sonhando com uma fita boa  
A vida voa e o futuro pega  
O que se firmou, falou, quem não ganhou o jogo entrega  
Mais uma queda em quinze milhões  
Na mais rica metrópole e suas várias contradições  
[...]  
(A vida é um desafio)*

Esta música cantada por Edi Rock apresenta uma das características marcantes da contemporaneidade: o individualismo. No mundo atual as pessoas se relacionam cotidianamente com diversas outras pessoas, número este inigualável na história. Porém, apesar do convívio as pessoas não se falam, se relacionam de uma forma efêmera, casual, em muitas das vezes através do dinheiro. Ao se relacionar com incontáveis seres humanos todos os dias, o indivíduo da metrópole, para preservar a sua subjetividade, e até mesmo sua existência, é coagido a ser antipático e avesso aos demais. Talvez seja por isso que as pessoas ao invés de conversarem se calam, pisam e também se traem. Esta atitude singular do indivíduo moderno é caracterizada por Simmel (2005, p. 583) como uma “atitude de reserva”, e é justamente esta reserva que “garante ao indivíduo uma espécie e uma medida de liberdade pessoal” na agitada vida da cidade grande.

Um fenômeno característico da atitude de reserva apontado por Simmel é o caráter *blasé*. A metrópole põe em contato as diferenças, e permite ao indivíduo uma maior liberdade de ação. Em meio a tantos estímulos e tantas novidades a diferença se transforma em indiferença. O indivíduo da grande cidade é o indivíduo *blasé*, indiferente, incapaz de notar a diferença. Habitado à impessoal desatenção civil, ele é incapaz de notar a

novidade. “A essência do caráter *blasé* é o embotamento frente à distinção das coisas.” (SIMMEL, 2005, p.581). Esta é um modo de resposta as solicitações sensoriais típicas da excessiva quantidade de comunicações presente nas metrópoles. Deste modo, o cidadão deve se proteger nas metrópoles e, por isso, é obrigado a mascarar seus sentimentos e, muitas vezes, não reagir às solicitações exteriores, assumindo um caráter *blasé* no cotidiano.

[...]  
*Ratatatá, mais um metrô vai passar*  
*Com gente de bem, apressada, católica*  
*Lendo Jornal, satisfeita, hipócrita*  
*Com raiva por dentro, a caminho do centro*  
*Olhando pra cá, curiosos é lógico*  
*Não, não é não. Não é o Zoológico*  
[...]  
(*Diário de um Detento*)

O caráter *blasé* é típico das cidades grandes, pois somente nelas se formam as multidões, - grande contingente populacional com diversas manifestações culturais e sociais. As multidões acabam por obrigar os indivíduos que dela fazem parte a entrarem em contato com muitos outros indivíduos distintos, criando-se, para Simmel (2005, p. 578), um excesso de estímulos nervosos. “A cada saída à rua, com a velocidade e as variedades da vida econômica, profissional e social” os indivíduos são obrigados a lançarem mão de muito mais atenção e consciência para fazerem distinções das múltiplas e variadas realidades.

*Uma negra e uma criança nos braços*  
*Solitária na floresta de concreto e aço*  
*Veja, olha outra vez um rosto na multidão*  
*A multidão é um monstro sem rosto e coração*  
*Hey, São Paulo, terra de arranha-céu*  
*A garoa rasga a carne, é a Torre de Babel*  
[...]  
(*Negro Drama*)

Uma das mais famosas músicas dos Racionais, *Negro Drama*, nos mostra duas conseqüências da vida metropolitana: impessoalidade e solidão. Fenômenos anunciados também por Simmel (2005, p. 585), que aponta uma radicalização, “[...] em nenhum lugar alguém se sente tão solitário e abandonado como precisamente na multidão da cidade grande.” Essa narrativa expressa uma ambivalência curiosa, estar na multidão e ao mesmo tempo sentir-se só.

Estar na multidão é expressar sua impessoalidade. Diante de tantas pessoas o indivíduo moderno acaba sendo somente mais um, ele ganha liberdade na medida em que torna-se cada vez mais impessoal. Porém, como consequência, a soma de indivíduos forma uma multidão de impessoais, sem rosto e coração. Esta expansão da impessoalidade, atrelada também à crescente divisão do trabalho, aponta Simmel, produz uma contínua individualização, onde o aumento quantitativo de significação leva o homem a agarrar-se à particularização qualitativa, a fim de ganhar para si a consciência do círculo social. O que conduz, diz Simmel (2005, p. 587), “às mais tendenciosas esquisitices, como o exclusivismo, os caprichos e o preciosismo”, tudo por conta da necessidade de se destacar na multidão. Essa tentativa do indivíduo de fazer frente à objetividade da sociedade e salvar a sua personalidade está ancorada em sublinhar o que há de mais extremo em particularização para que se possa ser percebido e visto, inclusive por si mesmo.

Não obstante, Simmel evoca uma fusão entre as duas formas de individualismo conceituadas por ele – a do “homem universal” do século XVIII que clamou por liberdade e igualdade para todos sem distinção, e a do século XIX que para além da igualdade prega a liberdade de se distinguir dos demais, pois, além de iguais somos únicos – no transcorrer de nossa época. Sendo essa a função da cidade grande: “fornecer o lugar para o conflito e para as tentativas de unificação dos dois, na medida em que as condições peculiares nos revelam como oportunidades e estímulos para o desenvolvimento de ambas.” (2005, p. 589).

### **Considerações Finais**

O exercício proposto neste trabalho foi o de aproximar épocas e fenômenos distintos. Música e sociologia; Berlin e São Paulo; séc. XIX e séc. XX; Simmel e Racionais. Apesar de toda especificidade dos objetos analisados, tentamos uma relação com base nos paralelos dos fenômenos urbanos modernos.

Como mostramos, Simmel analisa a modernidade a partir de fenômenos cotidianos e triviais, bem diferente dos seus contemporâneos, tais como Weber e Tonnies, que se preocuparam com as grandes transformações históricas. Por isso, relacionamos os rappers dos Racionais, pois eles representam a música e a cultura negra das favelas paulistanas por volta do final do milênio. Desta forma o rap produzido em São Paulo narra uma urbanidade singular, típica de uma metrópole latinoamericana.

São os dois – Racionais e Simmel – frutos de culturas e épocas distintas, porém apesar dos cem anos separando os dois, conseguimos notar semelhanças entre as duas realidades apresentadas. Semelhanças que se cruzam a partir dos fenômenos modernos.

Simmel demonstra consciência que toda a sua obra está atrelada à urbanidade berlinense: “la evolución de Berlín de ciudad a metrópoli en los años anteriores y posteriores al comienzo del siglo coincide con mi desarrollo más amplio e intenso.” (SIMMEL *apud* FRISBY, 1990, p. 53) Do mesmo modo, o rap dos Racionais está ligado ao cotidiano de São Paulo, as músicas a todo tempo fazem referência aos conflitos, dilemas e superações da periferia desta cidade.

O dinheiro nos centros urbanos europeus do século XIX é tão importante quanto na agitada São Paulo contemporânea. A individualidade, por sua vez, aflora em ambas as realidades de forma determinante. Atrelada a ela temos a impessoalidade e também a solidão. Impessoalidade caracterizada sobretudo pelo Marco Alemão e o Real, moedas respectivamente de Berlin (final do século XIX) e São Paulo. Quanto à solidão, não importa em qual metrópole, o indivíduo é supremo, porém representa um grão de areia em meio a um deserto.

Com tudo isso, as cidades grandes se tornam um lugar absolutamente único, “preche de significações ilimitadas”, onde nossa tarefa não é acusar ou perdoar os fenômenos modernos, mas somente, confirma Simmel (2005, p. 589), compreender. E para concretizar esta tarefa vale lançar mão de diferentes áreas, inclusive a música e a sociologia.

## Referências Bibliográficas

ALBIN, Ricardo Cravo. **Dicionário Houaiss Ilustrado Música Popular Brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Instituto Cultural Cravo Albin e Editora Paracatu, 2006.

BETTO, Frei. **Consumo, logo existo**. Disponível em: <<http://www.coopgirasol.com.br/UserFiles/File/2%20Texto%20Consumo%20logo%20existo.pdf>> Acesso em: 10 de janeiro de 2012.

FREITAS, Ricardo Ferreira. Simmel e a cidade moderna: uma contribuição aos estudos da comunicação e do consumo. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo: vol. 4, n. 10, p. 41-53, 2007.

FRISBY, David. **Georg Simmel**. México: Breviários del Fondo de Cultura Económica, 1990. 261 p.

LEAL, Natacha Simeí. Simmel e o Dinheiro: primeiros ensaios. **Revista Mediações**, Londrina, v. 16, n.1, p. 349-353, Jan./Jun. 2011

PINHO, Osmundo de Araújo. Voz ativa: rap – notas para leitura de um discurso contra-hegemônico. **Sociedade e Cultura**, v. 4, n. 2, jul./dez. 2001, p. 67-92. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=70311216004>> Acesso em 2 de Abril de 2012.

RACIONAIS MC's. **1000 Trutas, 1000 Tretas 1000**. São Paulo: Selo Equilíbrio; Cosa Nostra; Ice Blue, DVD, 2007 (75 min.).

RACIONAIS MC's. **Nada como um dia após**. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica. CD, 2002.

RACIONAIS MC's. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica. CD, 1997.

RACIONAIS MC's. **Racionais MC'S**. São Paulo: Zimbabwe Records. CD, 1994.

RACIONAIS MC's. **Raio X Brasil**. São Paulo: Zimbabwe Records. CD, 1993.

RACIONAIS MC's. **Escolha o seu caminho**. São Paulo: Zimbabwe Records. CD, 1992.

RACIONAIS MC's. **Holocausto urbano**. São Paulo: Zimbabwe Records. LP, 1990.

RIBEIRO, Jorge Claudio. Georg Simmel, pensador da religiosidade moderna. **Revista de Estudos da Religião**. Nº 2, 2006, p. 109-126. Disponível em: <[www.pucsp.br/rever/rv2\\_2006/p\\_ribeiro.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv2_2006/p_ribeiro.pdf)> Acesso em 21 de Março de 2012.

SECCO, Lincoln. **Gramsci e o Brasil: recepção e difusão de suas idéias**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2002. 119 p.

SILVA, José Carlos Gomes da. Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana. Campinas, São Paulo, 1998.

SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna. *In*: SOUZA, Jessé, OELZE, Berthold (Orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora da UNB, 1998.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. **Mana**, nº 11, vol. 2, pp. 577-591, 2005.

STECHER, Heinz. **Georg Simmel: dinheiro, a solidez do efêmero**. Cad. CRH., Salvador, n.22, p. 185-191, jan/jun. 1995

WAIZBORT, Leopoldo. **As Aventuras de Georg Simmel**. São Paulo, ED. 34, 2006.

ZENI, Bruno. O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva. **Estudos Avançados**. São Paulo: USP, v. 18, nº 50, jan/abr. pp. 225-241, 2004.